



TEMPO DE NARRAR: UM OLHAR PARA O DIÁLOGO EM EDUCAÇÃO

Elaine França Holanda Garcia¹

Luzia Batista de Oliveira Silva²

Ben-Hesed dos Santos³

Resumo

O ensaio objetiva refletir como a palavra dita, cantada, rimada pode ser vivenciada no contexto da educação. Trata-se de um convite às práticas de contação de histórias, utilizando-se de metáforas conforme a tradição da oralidade, em convergência com a narrativa. Inicialmente, aborda-se o contexto dos primeiros educadores contadores de histórias, numa tentativa de visibilizar valores ancestrais no processo de narrar, com recurso da imaginação, fator fundamental nesse processo. Optou-se pela continuidade da palavra que envolve, que afeta e cria vínculos de confiança, tal como a história narrada por sujeitos envolvidos metaforicamente e poeticamente, a fim de criar elementos que possibilitam o abrir a porta ao "era uma vez", evidenciando as possibilidades da narrativa como uma prática poética do educador, aproximando os sujeitos para um diálogo.

Palavras-chave: Educação; História; diálogo; Contação de histórias; Narrativas.

TIME TO NARRATE: A LOOK AT DIALOGUE IN EDUCATION

Abstract

This essay aims to reflect on how the spoken, sung, rhymed word can be experienced in the context of education. It is an invitation to storytelling practices, using metaphors according to the tradition of orality, in convergence with narrative. Initially, we approach

¹Elaine França Holanda Garcia é mestranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco, campus Itatiba - SP. Pedagoga pela UNIFAI, Atriz-DRT 18385. É Arte educadora e trabalha com formação de professores.

²É Pós-doutora em Filosofia - (Estética e Epistemologia), professora visitante na Universidade de Borgonha - Dijon França; Pós-Doutora em Antropologia/Ciências Sociais - PPSC-PUC-SP; Doutora em Educação - FE-USP; Mestre em Filosofia - PUC-SP; Bacharel em Filosofia - PUC-SP e MBA - Gestão de Pessoas e Comportamento Organizacional. Tem experiência de 29 anos na área da Educação - Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior; experiência de 12 anos no Stricto Sensu e experiência de 15 anos em organizações empresariais.

³Ben-Hesed dos Santos é doutorando no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco, campus Itatiba - SP; mestre em filosofia da educação pela PUCAMP, graduado em Filosofia da Educação pela USF. É diretor e docente na EESC – Escola de Enfermagem da Santa Casa – São Paulo, docente da Faculdade de Enfermagem e docente na UNG – Universidade de Guarulhos, membro do CBECESP – Centro Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura do Estado de São Paulo. E-mail para contato benhesed@gmail.com.

the context of the first storytelling educators, in an attempt to make ancestral values visible in the process of narrating, using imagination, a fundamental factor in this process. We opted for the continuity of the word that involves, that affects and creates bonds of trust, such as the story narrated by subjects involved metaphorically and poetically, in order to create elements that make it possible to open the "once upon a time" door, highlighting the possibilities of narrative as a poetic practice of the educator, bringing the subjects closer to a dialogue.

Keywords: Education; History; Dialogue; Storytelling; Narratives.

Introdução

Diferentemente das histórias contadas no decorrer da infância, que sempre se iniciam com *era uma vez*, mostrando um tempo atemporal, uma porta se abre, numa atmosfera cheia de magia, revelada na obra do escritor Eduardo Galeano, e o leitor consegue, então, ouvir os suaves sons e os sininhos tocando, encantando e despertando a sua imaginação.

Galeano (2002) numa passagem da obra, *O livro dos abraços*, pontua que:

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ensina a olhar! (GALEANO, 2002, p. 15)

A história que Galeano conta não começa com a conhecida expressão "era uma vez" e nem tem a estrutura formal tradicional (começo, meio e um final feliz). Contudo, ao ouvi-la, em uma narrativa pausada, o leitor pode saborear cada frase, no tempo certo, possibilitando-lhe um tempo para reflexão, um convite para que possa interpretar e refletir sobre ela, podendo encantar o leitor com ludicidade dela e aguçar sua audição para ouvir o som do mar e poder contemplá-lo.

Eduardo Galeano (2002) cria uma atmosfera de reflexão e curiosidade a respeito dos seus personagens, a começar por Diego. Então, a curiosidade.



Quem é Diego? Quem é Santiago? Qual o papel de cada personagem nessa história? Qual o significado do mar para um menino que o vê pela primeira vez? Qual o significado do pedido do menino: “me ajude a olhar”? Trata-se de uma interpretação textual ou de um convite para mudarmos o percurso do como nós construímos uma escuta, uma interpretação, uma reflexão, assim como, conferimos importância ao narrar na vida cotidiana e na educação, com os alunos e alunas? É fundamental identificar o olhar que repara, que contempla, que está dentro ou fora da história, que consegue visualizar o olhar do agora como um sinal de compreensão do que foi e do que está sendo gestado.

Tenta-se entender o tempo vivido e apreendido, tempo de narrar e de ouvir, tempo do encontro e tempo da história na passagem dos acontecimentos.

Inicia-se este texto com a contação de história numa tentativa de aproximação lá do tempo dos gregos, no que tange à aprendizagem pela a oralidade, que possibilita ouvir e narrar ao mesmo tempo em que expressa valores como ocorre nos dos poemas de poetas como Homero e Hesíodo.

A tradição das contações de histórias e declamações de poesias em espaços abertos contribuem ou deveria contribuir para a existência de uma educação livre e aberta. No entanto, é sabido que a cultura grega da época em que viveram esses dois poetas não era aberta à participação da maior parte da população, mas restrita a grupos específicos ou determinadas "classes sociais". Funcionava como uma educação do pensar, do sentir, no seu tempo reflexivo, tempo do sujeito e do diálogo como ponto em que se nutrem as urdiduras das diversas histórias e as possibilidades de aprendizagem.

A poesia e as histórias promoviam encontros entre sujeitos, entrelaçando aprendizado de culturas, valores, emoções, conceitos e ideias, cujas reverberações são sentidas ainda hoje. A tentativa de recuperar tais práticas contribui para fomentar a ludicidade, a catarse e os ensinamentos como formação geral.

Aqueles que fizeram o trajeto

Na Grécia antiga, a poesia teve papel importante na formação do ser humano, formação como processo de espiritualização, humanização, formação para a convivência humana e social e a arte de embelezamento do cenário público e da vida com a sabedoria poética.

Destacam-se, como nomes importantes na educação grega, Homero e Hesíodo, em que pesem as semelhanças e as diferenças de ideias ao narrar, registrar impressões, sensações e os sentimentos individuais e coletivos no período da Grécia Antiga.

A história da formação humana na Grécia Antiga é um marco de contribuições de poetas e filósofos que colocaram em destaque a virtude no processo formativo.

Homero era um aedo e suas obras, *Ilíada* e *Odisseia*, contam histórias de heróis, guerras com suas conquistas e perigos, viagens em que sobressaem aprendizados, enfrentamentos de ciladas, travessias sem destino, registros de contatos com outras civilizações; são narrativas discorre sobre façanhas heroicas e outras que ensinam através de mensagens, ressaltando a importância do aprender nos momentos da narração que sensibiliza e influencia as gerações vindouras.

Jaeger (1994), na obra *Paideia, a formação do homem grego*, descreve que Homero é considerado um educador, valendo-se da poesia e da música na educação grega, considerada um ideal de formação, exemplificando-o de forma imaginária e lúdica, destacando-o como uma preocupação central, cujo modelo é o herói poeta.

[...] A concepção do poeta como educador do seu povo — no sentido mais amplo e profundo da palavra — foi familiar aos Gregos desde a sua origem e manteve sempre a sua importância. Homero foi apenas o exemplo mais notável desta concepção geral e, por assim dizer, a sua manifestação clássica... (JAEGER, 1994, p. 61)

Homero pode ser considerado aquele que deu origem aos contos populares. Pode-se dizer que existe ressonância dos contos gregos e outros quando ouvimos pessoas sobre suas culturas, perpetuando a história de um

povo, suas crenças, ideais mediante oralidade e retórica. Homero é, de certa forma, parte da memória e da tradição de um povo, sua poesia exemplifica as histórias de heróis e seus valores morais.

Posterior a Homero, Hesíodo narra histórias relacionadas ao cultivo da terra, enaltece o homem do campo, a verdade e a justiça, os direitos fundamentais para viver conforme a civilização, propõe uma educação em que todos deveriam aprender sobre as virtudes.

Aqueles que estavam ao seu redor e acompanhavam suas narrativas podiam aprender de forma prático-poética a valorizar a vida em sua manifestação para o trabalho, a diversão e a educação.

Na atualidade, o contador de histórias pode se constituir como no exemplo de Hesíodo, fazendo-se guardião e sábio da memória das famílias e dos grupos, da cultura e da história. Dentro da família, alguns se destacam, por conta própria, como responsáveis por resgatar as memórias, exemplificá-las com histórias, moral, costumes e os valores essenciais.

Hesíodo retrata o homem simples do campo e seus poemas e fábulas, os sentimentos de poder, de justiça/injustiça e verdade/falsidade. Segundo Jaeger (1994, p.), o poeta-narrador apresenta-nos o heroísmo grego na sua luta diária e no seu trabalho no campo, “permite-nos conhecer com clareza o tesouro espiritual que os camponeses beócios possuíam”.

A importância da poesia de Hesíodo, como um educador do campo, ao contrário de Homero, que destaca os valores da nobreza, Hesíodo coloca no centro de suas indagações, os valores do homem do campo.

A poesia - tanto a de Hesíodo como a de Homero – mostra o percurso valioso para o ser humano. “[...] Mas só pode ser propriamente educativa uma poesia cujas raízes mergulhem nas camadas mais profundas do ser humano“. (JAEGER, 1994, p. 63)

Homero e Hesíodo constituíram e ecoaram a poesia, a oralidade e a tradição de um povo, a importância de tornar vivos o narrar e o ouvir, permitindo àqueles que estão contando ou ouvindo guardarem dentro de si, no seu tempo de reflexão, um “relicário”, museu de memórias e saberes. As histórias e

experiências dos mitos, das fábulas, ensinam-nos e afetam-nos pela oralidade, pela reflexão e pela tomada de novas atitudes.

Os poetas nos ensinam que o tempo cronológico é aquele que poderia ser medido no tempo do espírito, do saber, do encontro consigo. Deixam claro nas histórias o tempo da luta do herói e o tempo da conquista; o tempo do cultivo do agricultor e o tempo de compreensão e de entendimento; tempo de aprender e de apreender.

Hesíodo, talvez, seja um precursor do seu tempo, o educador popular, o educador que usa das palavras para cultivar virtudes; tempo em que o ouvir se fazia presente, de forma singular para aqueles que ouviam as narrações e as fábulas, por exemplo, a do falcão e o rouxinol, em que o rouxinol canta enquanto está sendo levado para a morte, nas garras do falcão. A morte, nesse caso, pode ser trágica, mas não deixa de ser poética, porque o belo canto ritmado do rouxinol ressoará para além da vida. Essa parábola nos mostra, de maneira explícita, a violência, a insensatez e a insensibilidade dos poderosos contra os mais fracos.

Jaeger (1994) destaca que Hesíodo, na constituição da fábula como essa, supracitada apresenta uma forma didática de passar a narrativa, fazer-se ouvir e ser ouvido, na "consciência dos ouvintes". De acordo com Jaeger (1994, p. 96), as fábulas "Exerciam no pensamento popular uma função análoga à dos paradigmas míticos nos discursos épicos: encerravam uma verdade de ordem geral".

Contextualizar os poetas da antiguidade é poder resgatar sua importância e a ancestralidade que trazemos em cada história, é valorizar o momento e não o imediatismo de ideias rasas e de uma educação que se preocupa com o saber pronto e não com a elaboração das ideias ou com o verdadeiro sentido da educação e da escola, que é promover encontros, com propósitos e valores.

A referência a Hesíodo e sua poesia, sua atuação como educador, têm como objetivo principal "horizontar" o diálogo que existe no exercício da história, da poesia, da memória, que possibilita encontros por meio do ouvir o outro e entender a si mesmo.



Pensar a cultura, a ancestralidade, as histórias que tocam com afeto, como o exemplo da mão firme sobre o ombro do sujeito, encorajando-o, simboliza a maturidade na firmeza que educa e não representa o autoritarismo ou a fala daquele que diz: eu já sei, que já traz consigo uma verdade absoluta, mas, a mão que educa é a mão que estende, a mão que chama para partilhar do grupo, dos encontros. Enfim, educar com as histórias e oralidade requer vivência, experiências.

No que tange aos valores da oralidade nas vivências e experiências de grupo, pode-se citar, como exemplo, Daniel Munduruku, em entrevista ao Fliaraxá (2020) Festival Literário de Araxá, criado em 2012, quando fala da importância do papel do contador de histórias para o povo indígena. Os avós são os contadores de histórias para as novas gerações da tribo. Certamente, o neto, ao ouvir as histórias contadas do avô, se sentirá parte do mundo que ele habita e pertencente à comunidade.

Por isso, fazer parte da história é protagonizar e lembrar de onde viemos, quais as escolhas e os caminhos percorridos por nós os quais são importantes na nossa educação. Em suma, ouvir a história do outro permite ao sujeito identificar-se e fazer escolhas sem se esquecer de quem é.

Diálogos e encontros na educação

Sem mudar o percurso, trazemos como subsídio relevante para o nosso trabalho um pensador que recorre à narrativa e ao imaginário para investigar e questionar, mediante o texto e a história, uma porta para além do texto com o objetivo de desvelar, entender a mediação entre o autor e o sujeito. Trata-se de Paul Ricoeur (1984), filósofo que aborda a narrativa, pensando no sujeito como parte da sociedade e, também, um ser autônomo; ambos, autor e sujeito, construindo a história, assim como o coautor e o cocriador, o leitor/ouvinte/espectador, aquele que pode expressar sobre a narrativa, modificá-la e entendê-la.

Na leitura de Paul Ricoeur (1989), tem-se presente a ideia de interpretação da narrativa como uma experiência de organização da ação,



daquilo que acontece, quando o próprio leitor (neste caso, ouvinte) é capaz de fazer tecer conexões com a escuta ou com a imaginação.

Segundo Silva (2018), a narrativa em Paul Ricoeur pede um exercício de compreensão do sujeito através da palavra, da reflexão, do contexto poético, do imaginário social e sua importância para a educação.

Nesse contexto,

A construção dessa consciência reflexiva será fundamental, posto que os indivíduos participam da cultura também pela leitura e escrita de um texto – pela interpretação, que articula aquilo que é designado como compreensão, que insere o homem no mundo da palavra e no mundo da ação. O mundo anunciado e recriado pede para ser compreendido. A palavra tanto pode anunciar como pode resgatar um gesto vivido, uma ação vivida, porque é pela palavra, e pela palavra poética, que se pode evocar o passado, contar histórias e preservar memórias; pela palavra também se projetam anseios por meio da ideologia e da utopia, expressões do imaginário social. (SILVA, 2018, p. 23)

Abordando-se o estudo apresentado por Silva (2018), busca-se descortinar os olhares de Ricoeur para uma reflexão na educação, estabelecer uma relação entre mediação, narrativa, interpretação e entendimento, o que se constitui como um exercício fundamental para a educação, dado que a tessitura da narrativa entre os sujeitos e a trilha do saber, as descobertas e aprendizagens, a "rede de intrigas" contribuem para construir conexões entre os pares.

Na aprendizagem, estabelecem-se relações de confiança a fim de que as tessituras e urdiduras possam se constituir e legitimar as histórias do sujeito e as histórias da cultura.

No contexto da educação, o papel do professor, inicialmente, volta-se para compreender e entender a si mesmo, a sua história, mediar histórias, ideias, interpretações e reflexões, ser protagonista da história e incentivar o aluno a também ser protagonista. Construir saberes de histórias possíveis, relacionar-se com outras narrativas, como os saberes da filosofia, da arte, da poesia para além do que seria ensinar conteúdos, voltar-se, como no caso do pai do Diego, ao

romance de Galeano (2002), que trata da importância do olhar para colocar no centro o olhar para o aluno que pede ajuda ao professor, e assim, ambos descobrem possibilidades daquilo que é possível descortinar.

O canto do galo

O poema "O canto do galo", do poeta João Cabral de Melo Neto (2008, p. 110) começa com este verso: "um galo sozinho não tece uma manhã". Pode-se inferir desse verso que um galo sozinho não anuncia uma manhã, ele depende para isso da ajuda de outros galos. Isso nos remete à perspectiva de educação em Homero e Hesíodo, ao pensar que a arte e, principalmente, a narrativa, pudessem garantir uma educação integral do ser humano, para um determinado grupo, cuja responsabilidade era formar um cidadão partícipe de uma educação do pensar e para o pensar, uma educação da escuta e do narrar, que, a partir da contextualização de Jaeger (2003) e de Paul Ricoeur (1989), compreende-se que o estudo, fundamentado na perspectiva de experiências de vida, leituras e interpretações, contribuem para construir juntos o entendimento, a aprendizagem e a compreensão. Isso significa dizer que:

Compreender, então, as práticas simbólicas na área do pedagógico, mediante obras de educação e cultura, é possível quando os fatores envolvidos no processo educacional formam, juntos, a teia ou rede de intrigas, mediadora e mediada, mas, fundamentalmente, integradora de grupos e pessoas. Essa teia ou rede deve se ancorar nas manifestações dos signos, pois quando o assunto é educação, uma rede de intrigas alcança a dimensão humana do saber, do fazer, do dizer, do poder e do viver em sociedade. (SILVA, 2018 p. 27)

Trilhar o percurso de um estudo reflexivo propicia compreensão, entendimento e interiorização de conhecimentos dos diversos autores. Ao abordar autores que dialogam com o ato de ler ou com a mediação de um livro ou narrativa própria, torna-se possível o diálogo e a conexão com autores

estudados, isto é, os galos dependem uns dos outros para “tecer a manhã”, como o galo do verso do poeta João Cabral de Melo Neto. Os poetas contadores de histórias e os educadores ancestrais ecoaram também o seu canto. Urge, então, um fazer e um agir para que haja compreensão do que se é e do que se sente, individualmente e em comunidade.

Ao acolher uma história e seus ensinamentos, criam-se novas possibilidades, promovem-se horizontes de ideias entre ambos e diálogo entre todos.

Ao acolher uma história, tecem-se outras histórias, cujos saberes se entrelaçam, justamente porque cada um traz experiências, que são narradas a fim de que não caiam no esquecimento, legitimando, assim, sujeitos, culturas e aprendizado. O ato de educar é o ato de apresentar o mundo e os possíveis mundos, assim faz como Galeano (2002), que nos instiga com sua imensidão de provocações e saberes. Retorna-se ao começo da história, quem é Diego? Quem é o pai do Diego? Por que o pai o leva para conhecer o mar? Ver o mar é mais do que ver beleza, é ver o mundo com olhos de ver. Diego pode ser o aluno como nós, eternos aprendizes da vida, como na história contada por Galeano, em que o imaginário pode mostrar outros mares que não dependem apenas da visão de Diego, mas, também, de sua sensibilidade que lhe permite enxergar maravilhas. E o professor que escuta o “canto” do aluno, como o galo que escuta o outro galo cantar, apresenta o seu “canto” também, como Homero e Hesíodo que nos apresentam a experiência ensinante.

Horizontes do ser: desencaixotar histórias

Nas escolas, nas empresas e outros espaços, por fazer muitas coisas ao mesmo tempo, perdem-se, aos poucos, os começos, meios e fins. As pessoas fazem atividades sem pensar, escutam sem compreender, veem sem contemplar, tocam sem sentir. Não têm a percepção de que é palavra, a narrativa que é o que possibilita conectar, sair de um estado e ir para outro, sair de um lugar e ser convidado a trilhar outros caminhos interagindo com o outro ou mergulhado em sua reflexão, seja durante ou depois de uma história.



Vivemos um ritmo frenético em que tudo é instantâneo, a informação chega e outra já toma frente da primeira e, assim, abrimos abas e janelas, com diversos assuntos. Nossos pensamentos e possíveis reflexões viram abas e janelas, assistindo, lendo, ouvindo, tudo ao mesmo tempo; tempo diferente daquele dos gregos e das máquinas. Vivemos o tempo da internet, da conexão solitária...

Até o momento, fizemos reflexões e tivemos nossos olhares voltados para a contação de histórias. Agora, é pertinente e oportuno trazer para o nosso texto, Walter Benjamin, filósofo e ensaísta, que, além dos seus diversos registros, de uma escrita e diálogo versátil sobre cultura, arte e educação, exalta o contador de histórias, em um dos seus textos. Com brilho, volta seu olhar para narrativas, principalmente, as do escritor russo Nikolai Leskov, como contador de histórias, sejam as referentes ao sujeito do campo, aquele que nunca saiu da sua terra, sejam as daquele que viajou o mundo e viu, viveu e ouviu as culturas, seja aquela “experiência” “que passa de pessoa a pessoa, sendo a fonte a que recorreram todos os narradores” (BENJAMIN, 1985, p.198).

Benjamin completa:

Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, as vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida- de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselho. [...] Aconselhar é menos responder a uma pergunta do que fazer a uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada[...]. (BENJAMIN, 1985. p.200)

Experienciar pressupõe abrir os sentidos, como saber escutar, contemplar, sentir e dizer a sua palavra viva e carregada de verdades e memórias. Quando um contador de histórias não se utiliza dos aparatos tecnológicos, usando a sua voz, direcionando com seu olhar como um projetor fazendo imaginar e envolvendo o leitor ouvinte.

Benjamin alerta sobre o fim da arte de contar histórias, neste contexto direcionar as histórias, os contadores apenas ao campo das mídias, pode ampliar a visibilidade, mas pode ser também um risco que pode banalizar ao invés de ensinar e sensibilizar, pode determinar um tempo devido à exposição excessiva aos aparelhos tecnológicos.



Contudo, há quem afirme que uma contação de histórias em um canal ou rede social deve durar no máximo dez minutos para que consiga prender a atenção dos espectadores. E como fica o sabor da palavra, da escuta? As histórias podem ser reproduzidas, mas e sua essência, como fica e onde fica? E o que significa estar em outro espaço, presente, viver momentos? Quando Benjamin se refere ao fim dos contadores de histórias, para o momento em que escreveu, torna-se necessário e importante repensar as práticas e o papel do contador de histórias, pois não é o excesso de histórias cheias de cenários, luzes com tantas informações, o papel o papel do contador de histórias é educar de forma poética e consciente, para além da escolarização.

Em espaços educacionais, os sujeitos são conduzidos, o pensar foi reduzido em tempo, em minutos, o ouvir e o imaginar abriram um espaço para jogos, tecnologias, ruídos, poluição visual e muitos estímulos, muitas vezes, desconsiderando o tempo de cada um, o protagonismo, as experiências, as vivências, as relações humanas. É como se alguém disparasse um sinal para mudar de atividade, um sinal que pode ter a força de desligar uma atividade e ligar outra. É oportuno e pertinente lembrar que o papel do contador de histórias, assim como o do professor que conta histórias, é como um sino que desperta internamente, um som que gera vibração e atenção. Esse contador de histórias pode, sim, recorrer às mídias, aos recursos tecnológicos, mas seu papel continua necessário e urgente; sua presença viva e ativa garante que a história e memória resistam. É como tirar os livros que moram dentro dele e do outro.

Nesse sentido, considerando que a história viva e perpetua a memória, trazemos para o diálogo a autora Chimamanda Adichie (2019), com o texto *O perigo de uma história única*, no qual ela relata sua infância na Nigéria, seu gosto pela leitura e escrita de forma precoce, mas alerta que aquilo que lhe foi apresentado em seus primeiros passos como leitora era uma única história, cultura dominante que foi influenciando seu imaginário. E quando, realmente, se conectou com suas histórias, a sua realidade passou a ter outro sentido.

Adichie (2019) nos presenteia com este texto que dispensa adjetivos e comentários:



[...] Sou uma contadora de histórias. Gostaria de contar a vocês algumas histórias pessoais sobre o que gosto de chamar de "o perigo da história única". Todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis. [...] As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar[...] (ADICHIE, 2019. p. 11 - 32)

A autora apresenta uma rica reflexão e mostra que as histórias nos tornam conscientes e pertencentes a uma determinada classe social, cultural e étnica, que os estereótipos são pejorativos, podem, sem dúvida, amesquinhar a vida de uns e ressaltar a de outros são incoerentes e incompletos. Todos os autores supracitados nos instigam a olhar para o papel do contador de histórias, seja ele artista, poeta, professor ou aquele que conta caso e trazê-lo novamente à discussão e com ele dialogar sobre o que é ser contador de histórias, suas vivências e experiências.

Assim como as histórias dão asas à imaginação, imaginem o que teremos, daqui a dez anos! Se perguntarmos, lá na frente, sobre o que aconteceu em 2020/2021, na educação, na saúde e na política, sobre os fatos registrados pela história, sobre a tecnologia utilizada nos vídeos e plataformas guardados na nuvem, os artigos e livros revelarão, de fato, que a verdadeira essência ficou na memória dos que viveram, e são estes que poderão nos contar, fazer refletir, repensar de forma crítica, não deixar cair no esquecimento e garantir que não teremos uma única história. O contador de história traz o olhar poético, político, lúdico e sensível e a essência do ser humano. Daí, a necessidade e relevância de se discutir e de se refletir sobre a importância das histórias, da sua prática como resistência e como lanterna...

Considerações finais

Ao contextualizar a oralidade, a origem e a ancestralidade dos educadores contadores de história, destacou-se a importância de narrar para o outro e ouvi-lo, o sentido das relações com o outro, com o texto, com as histórias



narradas resultando numa história bem contada, que afeta e acolhe, considerando os saberes, o tempo e a narrativa construída no presente.

Ao estudar a história da educação, muitos registraram e seguiram conceitos, preconceitos e teorias que permanecem até hoje. Histórias colonizadas, verdades impostas que reproduzimos, por interesse, por conveniência ou conivência. Escolhemos formas de educar e métodos educacionais. Pede-nos a pesquisa: criar contornos, desenhar aprendizagens pela imaginação, formas diferentes de ação, diálogos e escutas.

Há aqueles que contam a nossa história – vida e morte; há aqueles que contam para os outros sobre nós: contam o que acreditam que fomos e que fizemos. Ficam as memórias. Já, o meio da história, nós é que contamos, ora como protagonistas, ora como antagonistas; ambos – pela imaginação – na narrativa, na oralidade e na escrita como registro.

A educação se dá entre professor e aluno. Assim como uma história, num mundo cheio de ruídos e informações excessivas, é necessário reparar, ouvir e deixar-se tocar, como também conectar com o outro o que sabemos e ouvimos como fonte de ensino/aprendizagem. Um exemplo simples: falar em geografia com os alunos, “ensinar-lhes” geografia, sem escutá-los, sem saber de onde vieram, e a cultura, os conhecimentos que trazem para dentro da sala de aula. É papel, função do professor possibilitar aos alunos ouvir histórias, interagir, refletir, não sobre uma única história mas sobre as mais variadas histórias, “sem o perigo de uma única história”.

Portanto, as verdadeiras histórias não são as histórias dos clássicos que contamos. Elas são importantes porque carregam uma cultura e uma tradição que se moldam com o tempo e que nos apresentam olhares prontos. Contudo, a cultura que vivemos e as relações que criamos e construímos com o conhecimento com nossos pares possibilitam-nos ir além do diálogo, da criticidade, da criatividade, do texto e do contexto de uma história, de uma obra e de uma sociedade.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: Magia e técnica, arte e política – Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GALEANO, Eduardo. **Livro dos abraços**. 9. ed. - Porto Alegre: L&PM, 2002. 270p

JAEGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MELO NETO, J. C. de. **A educação pela pedra**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2008.

MUNDURUKU, Daniel. **A trajetória literária de Daniel e a importância da cultura indígena no Brasil e na língua**. Disponível em: <<https://youtu.be/BNe1T1gYsko>>. Acesso em 29/07/2021.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. **A interpretação hermenêutica em Paul Ricoeur**: Uma possível contribuição para educação. Piracicaba, ano 18, n. 2, p. 19-36, 2011.

Recebido setembro de 2021

Aprovado dezembro de 2021.